ARTIGO

KOSELLECK
e o conceito de história

ARTHUR ALFAIX ASSIS
Universidade de Brasília
Brasília | Distrito Federal | Brasil
arthurassis@unb.br
orcid.org/0000-0003-0859-845X

Centrado na multifacetada obra do historiador alemão Reinhart Koselleck (1923-2006), o texto explora a interrelação entre o conceito positivo da história, em parte pressuposto, em parte articulado pelo autor, e a concepção de história originária da época do Iluminismo, que ele investigou com as ferramentas da história conceitual. O objetivo é mostrar que a teorização de Koselleck, apesar da sua forte orientação anti-teleológica, evita tomar a história como um problema primariamente epistemológico, metodológico, tropológico ou representacional – na contramão do que foi a atitude mais comum entre os teóricos ocidentais após a Segunda Guerra Mundial. Argumento, em síntese, que a teoria de Koselleck é fundamentalmente uma teoria substantiva da história; uma reflexão dirigida, em primeiro lugar, à "história" enquanto espaço da vida real, a qual apenas secundariamente remete à "história" como forma de conhecimento ou discurso *ex post facto*.

Reinhart Koselleck; Teoria da História; História da Historiografia, Historiografia Alemã; Século XX; História Contemporânea

ARTICLE

KOSELLECK
and the concept of history

ARTHUR ALFAIX ASSIS
University of Brasília
Brasília | Distrito Federal | Brazil
arthurassis@unb.br
orcid.org/0000-0003-0859-845X

Centering on the multifaceted work of the German historian Reinhart Koselleck (1923-2006), this text explores the interrelation between the positive concept of history partly presupposed, partly articulated by the author, and the conception of history originating from the Enlightenment that he investigated with the tools of conceptual history. The aim is to show that Koselleck's theorization, despite its strong anti-teleological bent, avoids approaching history primarily as an epistemological, methodological, tropological, or representational problem – running in this regard counter to the attitude that prevailed among Western theorists after World War II. In short, I argue that Koselleck's theory is fundamentally a substantive theory of history; a reflection directed, first and foremost, at "history" as a space of real life, which only secondarily refers to "history" as a form of knowledge or *ex post facto* discourse.

Reinhart Koselleck; Theory of History; History of Historiography; German Historiography; 20th Century; Contemporary History

O CONTEXTO DA DESCOBERTA

Quem nunca ouviu falar de Reinhart Koselleck?[1] Pelo menos para as historiadoras e historiadores, naquele sentido amplo do termo que remete a qualquer intelectual que pense de maneira predominantemente histórica, Koselleck é hoje um autor com quem é difícil não esbarrar. Os seus textos são largamente conhecidos nos campos da história do pensamento político moderno e da teoria da história, e a originalidade e fertilidade dos seus insights e conclusões já foi sublinhada por muitos analistas. Por isso, posso começar pelo cômodo gesto de me dispensar de maiores apresentações.[2]

O que gostaria de abordar preliminarmente – pedindo já desculpas por um ou outro excesso autorreferencial – é a minha própria trajetória de engajamento com a obra do autor. Procederei assim para preparar o terreno para o meu tema, que é, conforme anunciado, a relação de Koselleck com o conceito de história. Gostaria, portanto, de chegar ao problema que tenho investigado depois de ter contado um pouco da história da minha própria investigação.

Essa história começa por volta do ano 2000, quando li, pela primeira vez, *Crítica e crise*, o primeiro dos dois únicos livros autorais de Koselleck (1999).[3] Eu trabalhava à época na minha dissertação de mestrado, e lembro de ter estudado esse texto com bastante afinco, num ritmo que, francamente, há muito já não consigo replicar. Como muitas vezes acontece no cotidiano do trabalho acadêmico, o esforço de leitura intensiva rendeu-me um bom parágrafo e pouco mais (Assis 2004, 93-94).

Mais tarde, porém, na minha tese doutoral, Koselleck viria a ganhar um papel de muito maior destaque. Aqui o tema era o valor e a função da historiografia na obra do historiador e teórico Johann Gustav Droysen. Um pilar importante do trabalho foi a famosa tese de Koselleck sobre a "dissolução do topos '*historia magistra vitae*'", em outras palavras, sobre o alegado colapso da exemplaridade nas justificações do conhecimento histórico desde o final do século 18 (Koselleck 2006-a). Nesse texto, anos depois convertido em livro, concentro-me na afirmação de Droysen de que o mais elevado uso do conhecimento histórico não tem a ver com a orientação do agir presente por exemplos concretos do passado. Para Droysen, em resumo, a historiografia ensina a pensar historicamente. Interpretei esse argumento como um indicador importante do processo intelectual abordado por Koselleck na sua famosa tese (Assis 2014).

---

[1] O texto que se segue foi apresentado ao longo de 2025, virtual ou presencialmente, nos seguintes contextos: Seminário permanente de pesquisa do Centre for Philosophical Studies of History, da Universidade de Oulu (Finlândia); Projeto de extensão "Teoria na Rede", do Núcleo de Estudos em Teoria da História, da Universidade Estadual de Goiás; XI Jornadas de História da Historiografia da Universidade do Porto; Seminário Aberto do Grupo de Investigação "Usos do Passado", do Centro de História da Universidade de Lisboa. Agradeço a Sérgio da Mata e Ulisses do Valle a leitura cuidadosa do manuscrito, seguida de comentários à base dos quais pude corrigir ou reforçar diversos pontos da argumentação. A pesquisa vincula-se a projeto financiado com bolsa de produtividade do CNPq.

[2] Para maiores apresentações, cf. Villas-Bôas 2014, Jordheim 2021, e Olsen 2012.

[3] Poder-se-ia indicar como uma espécie de terceiro livro monográfico a obra *A era da revolução europeia, 1780-1848*, preparada em coautoria com Louis Bergeron e François Furet, e publicada como o volume 26 da *História mundial* [Weltgeschichte] organizada pela Editora Fischer entre 1965 e 1983 (Bergeron; Furet; Koselleck 1969). Koselleck foi o redator principal dos quatro últimos capítulos (Bergeron; Furet; Koselleck 1969, 199-319).

Muito mais recentemente, preparei um pequeno livro teórico chamado *Passados plurais*, cujo tema principal é a diversidade temática e metodológica da historiografia acadêmica tal qual legada pelo século 20. Esse acabou por ser, sem que eu inicialmente tivesse planejado, um livro koselleckiano – se me permitem aqui um neologismo malsonante. Centra-se no que considero ser o mais interessante e imediatamente relevante em Koselleck, ou seja, a sua teoria da escrita da história (Assis 2023). No presente contexto, aliás, pouco falarei desse assunto.

O meu envolvimento com a obra de Koselleck tem outros dois capítulos um tanto acidentais, que também merecem ser referidos. É que, devido a circunstâncias diversas, eu acabei por participar em duas edições brasileiras de textos do autor alemão. A primeira dessas participações teve a ver com o livro *O conceito de história* (Koselleck *et al.* 2013). Esse volume é, na verdade, a tradução integral da entrada "História" do *Léxico de conceitos históricos fundamentais*, a grande obra coletiva dirigida por Koselleck de 1972 a 1997. Para esse volume, eu e Sérgio da Mata preparamos um prefácio relativamente longo (Assis; Mata 2013). O segundo trabalho editorial relacionado com a obra de Koselleck é mais recente. Foi a revisão técnica do livro *Histórias de conceitos* (Koselleck 2020a). Dividi a tarefa com Bernardo Ferreira, com quem também preparei um prefácio (Assis; Ferreira 2020).

A revisão da tradução de *Histórias de conceitos* custou-nos muito tempo e esforço, a maior parte durante os duros dias do primeiro ano da pandemia da covid-19. No decurso das revisões, li intensamente alguns dos textos de Koselleck que ainda não conhecia, incluindo muitos estudos de cunho menos teórico ou metodológico. *Histórias de conceitos*, o livro, está repleto de investigações substantivas sobre noções fundamentais para o pensamento contemporâneo, como, por exemplo, iluminismo, progresso, emancipação, *Bildung*, crise, patriotismo, utopia ou tolerância.

O fato que é nesse vai-e-vem entre a teoria e a prática da história conceitual de Koselleck, fiquei intrigado com o uso que ele próprio faz do termo "história", que, como se sabe, é outro moderno conceito fundamental cuja genealogia é traçada na sua obra, especialmente nas seções por ele escritas para o já mencionado verbete/livro *O conceito de história*. Fui, no processo, amadurecendo o entendimento, meio óbvio por suposto, de que Koselleck não se limita a historicizar as manifestações pretéritas desse conceito. Aferrei-me à percepção de que "história" aparece nos seus textos não apenas como objeto de interpretações históricas, mas também em contextos teóricos e metodológicos em que ele afirma as suas próprias visões sobre o que a história e a historiografia são, não são, ou deveriam ser. Comecei então a intuir que ele fala de "história" nesses contextos de uma forma que vai contra as minhas, as nossas expectativas. Em outras palavras, fui me dando conta de que o que Koselleck quer dizer com "história" difere substancialmente dos significados transmitidos ou implícitos na maioria das teorias históricas contemporâneas. Essa sua "extemporaneidade", como não é difícil intuir, fornece terreno fértil para incompreensões e desinterpretações.

Assim, tendo escrito dois livros fortemente inspirados em Koselleck e participado das mencionadas edições brasileiras dos seus escritos, senti-me compelido a parar para pensar na teoria da história dele de uma maneira mais detida e sistemática. A ideia era ler e reler textos do autor, tomando como guias algumas das perguntas tangenciadas acima, e, no processo, ganhar maior familiaridade com a crescente literatura secundária sobre eles.

Essa tem sido a minha principal investigação nos últimos tempos, e o plano inicial era apenas escrever um ensaio não muito longo e depois seguir em frente. Mas, no início de 2025, tive a ideia de combinar a pesquisa, que já estava em curso, com os procedimentos burocráticos e acadêmicos relativos à minha ascensão à posição de professor titular da Universidade de Brasília. Isso quer dizer que o ensaio, que era para ser curto e circunstancial, está se tornando um trabalho monográfico mais longo e exaustivo, a ser apresentado como tese acadêmica. O manuscrito está já a meio caminho, de maneira que o que será apresentado a seguir é algo como a fotografia de um trabalho em construção.

UMA RELAÇÃO INTRINCADA

Falei até aqui do "contexto da descoberta", se é que essa expressão se aplica ao tipo de análise histórica e teórica que estou tentando desenvolver. Agora, vamos passar à investigação em si mesma, às suas principais questões e conclusões parciais. Para entrarmos sem mais demora no tema proposto, podemos recorrer a uma observação feita por outro autor muito conhecido no nosso campo de estudos: Hayden White. No prefácio de uma antologia dos textos de Koselleck, publicada nos Estados Unidos em 2002, White observou que foi "ao estudo do próprio conceito de história que Koselleck dedicou a maior parte de sua vida acadêmica" (White 2002, ix).

É provável que White não tenha sido o leitor mais assíduo do seu colega alemão, mas a sua intuição e perspicácia não lhe falharam aqui, pois a observação é certeira. Como disse, Koselleck escreveu a história de um bom número de conceitos fundamentais. Mas o conceito que ele mais extensiva e intensamente historiou foi, sim, o da história. Se juntarmos essas pesquisas histórico-conceituais com tudo o que ele escreveu sobre a natureza e as funções da historiografia, a metodologia da história dos conceitos e a multiplicidade dos tempos históricos, teremos, sem dúvida, abarcado grande parte da sua obra.

Contudo, a relação de Koselleck com o conceito de história é bastante intrincada. Na condição de historiador dos conceitos, ele tomou a noção de história como tema principal ou secundário de várias das suas investigações, falas e textos. Mas, conforme indicado, não se pode ignorar que tal noção está presente nos seus trabalhos não só no nível do conteúdo, ou seja, não somente na condição de objeto de estudo. Pressupostos mais ou menos articulados sobre a história estão profundamente incorporados na parafernália conceitual que estrutura a sua compreensão sobre a própria "história", assim como sobre muitas outras coisas.

Fruto de experiências pessoais e de interações complexas com múltiplos horizontes filosóficos, historiográficos e históricos, esse conceito operacional de história se afasta, em vários aspectos cruciais, das ideias pretéritas por ele estudadas desde um ponto de vista histórico-conceitual. Koselleck, afinal de contas, não foi apenas um influente intérprete da história do conceito de história, pois em momentos-chave da sua obra procurou dar a esse conceito uma elaboração teórica. Em outras palavras, além de ter sido um observador da história do conceito, ele também foi um participante ativo dessa mesma história. A seguir, quero explorar essas duas dimensões diferenciáveis do seu envolvimento com o referido conceito e indicar dissonâncias e interconexões essenciais entre elas.

O primeiro passo será revisitar os traços gerais da interpretação de Koselleck sobre a história da moderna ideia da história, para, entre outras coisas,

sublinhar a quão crítica é essa interpretação em relação àquilo que interpreta. Em seguida, entrarão em foco os usos afirmativos do conceito em contextos mais teóricos, para que possamos ver que, no quadro conceitual desenvolvido por Koselleck, história e historiografia não são, de forma alguma, noções equivalentes. "Cada história" – afirma ele – "sempre contém algo a mais e algo de diferente em relação àquilo que os historiadores podem dizer sobre ela" (Koselleck 2020b, 56). A minha análise será uma tentativa de elucidar a teoria da história encapsulada nessa afirmação – à qual voltaremos ao final.

A HISTÓRIA DA "HISTÓRIA"

Seguindo o plano que acabo de apresentar, voltemo-nos então para as linhas gerais da história do conceito de história tal como traçadas por Koselleck. Já nas suas primeiras obras, é possível notar uma grande atenção ao tema. *Crítica e Crise*, obra preparada ao longo da década de 1950 (Koselleck 1999), pode ser lida como uma análise da função política de uma maneira moderna de se conceber, conjuntamente, o passado, o presente e o futuro como um processo grandioso, unidirecional, teleológico e aberto. Em boa medida, esse trabalho desenvolve uma história conceitual da "história", embora não a apresente nesses termos. Tal linha de investigação, de fato, ficou em segundo plano na extensa monografia sobre *A Prússia entre a reforma e a revolução*, apresentada em 1965 como tese de *Habilitation* (Koselleck 1967). Mas logo seria abertamente retomada e ampliada, sobretudo em dois textos já mencionados: o ensaio sobre a dissolução do topos *historia magistra vitae*, de 1967 (Koselleck 2006a, 41-60); e as seções que Koselleck escreveu para o verbete "História" do seu *Léxico de conceitos históricos fundamentais*, publicadas em 1975 (Koselleck 2013a; Koselleck 2013b; Koselleck 2013c; Koselleck 2013d).[4]

Quero me concentrar neste segundo conjunto textual, que, somado, totaliza no original mais de 70 páginas em letras pequenas – correspondentes a mais de cem páginas na edição brasileira. Apesar das suas óbvias limitações cronológicas, geográficas e linguísticas, é justo dizer que aqui se encontra uma das análises mais originais e influentes do moderno conceito de história. No verbete, Koselleck avança para bem além do escopo de *Crítica e Crise*, endereçando diferentes expressões do pensamento histórico: na historiografia baseada em pesquisa; nas ciências naturais, incluída aqui a antiga tradição da história natural; em campos como a filosofia social, a teologia e a teoria literária; e até mesmo na ficção e na poesia. Em termos de demarcações cronológicas, o texto atravessa e ultrapassa o século 19, chegando a explorar materiais das décadas críticas de 1930 e 1940.

Uma das características mais originais da abordagem de Koselleck é a sua consistente orientação linguística. Ele examina expressões e usos relacionados com o termo "história" tomando-os como registros de um perfil semântico que rapidamente se tornou preponderante nos discursos políticos e acadêmicos a partir do final do século 18. Embora se concentre na língua alemã, as suas análises frequentemente sugerem conclusões que podem ser adaptadas a outros contextos linguísticos, inclusive, é claro, ao mundo de língua portuguesa (cf. p.e. Lynch 2020). Na conhecida interpretação de Koselleck, durante a *Sattelzeit*, o período que vai aproximadamente de 1750 a 1850, "história" (mais especificamente, "*Geschichte*") transformou-se num rótulo conceitual fortemente

[4] Cf. também Koselleck (2006b) e Koselleck (2006c).

abstrato. O termo ganhou assim um novo significado, passando a denotar a totalidade de todos os acontecimentos possíveis do passado ao futuro, conjuntamente com as representações destes acontecimentos, tanto as já escritas como as ainda por escrever.

As filosofias da história gestadas na era do Iluminismo — que tinham sido o tema principal em *Crítica e Crise* — hospedavam as versões mais elaboradas desse conceito abstrato e totalizante. "Filosofia da história", como observa Koselleck, é uma expressão cunhada precisamente na segunda metade do século 18 para designar a reflexão subjetiva sobre a história entendida como um conceito referente à realidade objetiva, por meio do qual todas as histórias possíveis são trazidas à mente (Koselleck 2013b, 135-136). Assim entendida, a história é vista como um processo que tem unidade, abrange o mundo inteiro e toda a humanidade, se desenrola de acordo com um plano, está dotado de racionalidade, e se projeta como uma espécie de instância supra-humana da justiça – instância essa investida de autoridade para distinguir, desculpar, culpar ou condenar.

Koselleck enfatiza que o conceito assumiu a forma gramatical de um substantivo coletivo singular e, como tal, foi capaz de abrir um novo "espaço de experiência", tipicamente moderno, e anteriormente impensável e indizível (Koselleck 2013b, 119, trad. modificada; cf. Jasmin 2006, 11; Assis; Mata 2013, 10-15). O vínculo entre semântica e experiência, articulável em tal conceituação coletivo-singular da história funciona como o fio-condutor das análises constitutivas da sua contribuição para o verbete sobre o conceito de história. E a visão abrangente do assunto desenvolvida nesse conjunto textual é, naturalmente, uma das realizações intelectuais mais significativas do autor (Hölscher 2011, 91).

ANÁLISE CONCEITUAL COMO CRÍTICA

Nas explorações conceituais e históricas que têm estado em foco até agora, Koselleck não estava exatamente a tentar resolver um problema cujos efeitos, na sua perspectiva, estivessem sepultados num passado distante. O seu envolvimento com o conceito de história — e, na verdade, com a própria prática da historiografia — provinha de fontes mais poderosas do que a mera curiosidade intelectual. Nesse contexto, é relevante lembrar que ele foi criado na Alemanha dos anos 1930 e 1940, e que participou de atividades de guerra na Ucrânia, Alsácia e Morávia. Perdeu dois irmãos, um na linha de frente; o outro, quando a casa da família foi destruída num bombardeio aéreo. Uma das suas tias, que sofria de grave doença mental, foi morta pela chamada Ação T4.[5] Pouco antes do fim oficial da guerra, ele foi capturado pelos soviéticos e forçado a marchar para Auschwitz, para ajudar a desmontar a fábrica da IG Farben anexa ao campo de concentração. Depois, foi mantido num campo de prisioneiros no Cazaquistão durante cerca de um ano e meio (Koselleck 2025; Hoffmann 2023, 30-55).

Koselleck escapou da morte certa por pelo menos duas vezes na condição de soldado e prisioneiro de guerra. É provável que tenha matado em

[5] A Ação T-4 foi uma iniciativa sistemática de extermínio de pessoas portadoras de doenças graves, físicas ou mentais, conduzida sob a intenção de purificar a raça alemã. Teve lugar em mais de uma dezena de centros de "eutanásia involuntária" distribuídos pelo território sob o controle do *III Reich*, resultando na morte de pelo menos 80.000 indivíduos. Cf. Evans (2012): cap. 1-III.

combate, mas não podemos afirmar isso com certeza: embora o Koselleck das últimas décadas não se esquivasse de escrever e falar publicamente sobre o seu tempo como soldado da *Wehrmacht* e, especialmente, como prisioneiro do Exército Vermelho, sabemos – como afirma Ulrike Jureit (2023, 40) – "surpreendentemente pouco" sobre as suas experiências concretas de guerra. De todo modo, não é necessário mergulhar muito profundamente nos detalhes biográficos para perceber que ele vivenciou mudanças políticas e econômicas drásticas, perdas familiares, doenças ameaçadoras, trabalho forçado, fome e frio. Testemunhou violência e morte, bem de perto, durante um longo período de tempo. Numa das suas últimas entrevistas, o próprio Koselleck admite: "construí toda a minha trajetória acadêmica a partir da minha experiência de guerra" (Koselleck 2023, 432-433).

Tais experiências extremas, sustento, não poderiam deixar de ter um forte impacto sobre o que quer que ele tivesse a dizer sobre "história". Stefan-Ludwig Hoffmann, autor do estudo mais abrangente sobre o assunto, chega a argumentar que toda a teoria histórica de Koselleck equivale a uma meditação sobre o seu próprio presente e as catástrofes que o originaram. Segundo Hoffmann (2023), essa teorização deve ser entendida como uma forma sofisticada de se lidar com uma gigantesca "fenda no tempo", um "*Riss in der Zeit*" – como expresso no título do seu livro. É esclarecedora, em muitos aspectos, a sugestão de Hoffmann de que a teoria da história de Koselleck seria, com efeito, uma forma de *Zeitgeschichte* – de história do presente. Enfim, e com o perdão da repetição: não há como negar que as experiências históricas do jovem Koselleck moldaram a sua relação com o conceito de história, deixando marcas decisivas nos seus textos.

Agora, já mencionei que essa é uma relação intrincada, e aqui surge uma faceta importante da questão: os textos de Koselleck não se limitam a descrever, digamos, a factualidade do conceito de história. Nas suas interpretações, afirmações avaliativas e implicações normativas estão entrelaçadas de forma inseparável. Em resumo, ele nem de longe tenta parecer neutro quanto ao seu tema. Muito pelo contrário, deixa bem claro a sua crítica a algumas das feições centrais deste. Basta lembrar que grande parte de *Crítica e Crise* conflui para dar fundamento à tese de que as filosofias da história da época do Iluminismo contribuíram, com força, para a "patogênese do mundo burguês" – a formulação que aparece no subtítulo da obra (Koselleck 1999; cf. Imbriano 2013).

Outra acusação incisiva pode ser encontrada no seu exame de dois postulados que, apesar de uma gritante contradição mútua, são ambos constitutivos da ideia moderna de história. O primeiro equipara a história a um destino contra o qual seria imprudente agir, enquanto o segundo afirma que é possível "fazer história", conduzi-la por meio da ação. Koselleck desenvolve uma análise histórica profunda da questão, mas no que diz respeito às implicações normativas, distancia-se claramente tanto da ideia da *história como destino* quanto da noção da *história como ação*, mencionando ambas de maneira derrogatória como polos opostos a partir dos quais se configuram usos "ideológicos" indevidos (Koselleck 2013c, 209-222).

Nunca é demais enfatizar esse distanciamento. Por diversas vezes, li ou ouvi comentadores a presumirem que, como Koselleck fala tanto sobre o uso moderno, coletivo-singular e teleológico da "história", ele só pode ter sido totalmente a favor disso que uma vez chamou de um "superconceito" (Koselleck 2010a, 27). Há nessa expressão, bem como no conjunto todo da sua análise da

matéria, ironia e gestos de distanciamento que não poderiam passar desapercebidos.

O INFERNO ASTRAL DAS FILOSOFIAS SUBSTANTIVAS DA HISTÓRIA

Koselleck, portanto, não tinha exatamente uma visão amigável do conceito de história que interpretava. A sua crítica mais aguda incidia sobre o que considerava ser o "uso ideológico" da "história" como um estímulo à ação em prol de um processo altamente abstrato; processo esse que, por sua vez e não sem contradição, estaria fadado a se materializar de qualquer maneira. Desde os seus primeiros escritos, ele ocupou-se da conexão entre tal compreensão da história e as expectativas utópicas quanto à transformação da política e da sociedade. Utopias sócio-políticas cabiam, para Koselleck, muito mais na rubrica das patologias da modernidade do que na das medidas terapêuticas com que estas poderiam ser remediadas.

Não é difícil perceber que essa crítica se estende a diferentes e importantes maneiras de se abordar o futuro que caracterizaram o discurso político do século XX. Pois a ideia de que "nós" fazemos história, com base na consciência de agirmos em favor da mesma, atravessa nada menos do que o fascismo, o socialismo e o liberalismo. "Nós", em cada caso concreto, acaba por funcionar como um referente vazio que pode ser preenchido com uma nação, uma classe social, um partido, uma elite técnica, burocrática ou intelectual, entre outras coisas.

O rechaço de Koselleck a essa ideia maximalista da história, com suas utopias e sensos de inevitabilidade, teve muitos equivalentes no ambiente intelectual pós-Segunda Guerra Mundial, particularmente na Europa Ocidental e na América do Norte. Autores eminentes, de diferentes proveniências e agendas, mostravam-se então críticos da história na sua moderna disposição totalizante e teleológica. Teóricos políticos como Raymond Aron, Karl Popper, Hannah Arendt ou Isaiah Berlin, destacavam, de diferentes maneiras, a conectividade entre totalitarismo, expectativas utópicas e um sentido maximalista de história. Tal como Koselleck, eles facilmente concordariam com o ditado popular de que "a utopia de um é a distopia do outro" (cf. Atwood 2011). Filósofos mais à esquerda, como Michel Foucault ou Jean-François Lyotard, embora não se encaixassem nos moldes anti-utópicos dos liberais moderados, também lançavam ataques comparáveis: contra as continuidades históricas de larga escala e as grandes narrativas que lhes são correspondentes.

Em paralelo a essas críticas à ideia moderna de história, estabelecia-se uma demarcação de territórios intelectuais que é altamente relevante para nossa discussão: a distinção entre filosofias *críticas* e *especulativas* da história. Nos marcos dessa distinção, a filosofia crítica da história aparecia como o terreno promissor de questões epistemológicas tais como a natureza dos fatos, da verdade, da objetividade ou da explicação históricas. *A filosofia especulativa da história*, por sua vez, era encarada como um arquivo de questões metafísicas obsoletas relacionadas à própria experiência histórica, à sua continuidade ou descontinuidade, e aos padrões, leis e propósitos por trás ou para além da mesma. A começar por William Walsh (1951, 13-15), a demarcação foi traçada com o objetivo explícito de estampar a filosofia crítica da história como um projeto infinitamente mais viável do que a sua contraparte. Tal assimetria seria prontamente reforçada por vários outros filósofos, como William Dray, Morton White ou Arthur Danto (cf. Ohara 2022, 3-5). Todos esses autores recorreram

aos dois conceitos opositivos para sugerir que, no horizonte filosófico contemporâneo, a filosofia "especulativa", "substantiva" ou "material" da história se tinha tornado inoportuna. Assim fizeram porque, para eles, a "história" parecia ter fracassado enquanto conceito da experiência mesma no seu desdobramento temporal. Essa conotação parecia-lhes indissociável de postulados que indicavam consequências perniciosas do ponto de vista político, moral e/ou teológico: a "inevitabilidade histórica" (como em Berlin), o "historicismo" (na terminologia idiossincrática de Popper), o "totalitarismo" (como em Arendt e Aron), a "escatologia secularizada" (como em Löwith – autor particularmente importante para a discussão alemã em geral e para Koselleck em particular).

Seria possível ampliar essa lista, mas o objetivo é apenas ilustrar algumas feições da atitude cética que, após 1945, se disseminou em diversos círculos intelectuais importantes do mundo ocidental. Ainda que contrabalanceado pelos muitos intelectuais – notadamente nos quadros da tradição marxista – que insistiam em falar na História com "H maiúsculo, tal ceticismo estimulava uma redefinição do conhecimento histórico; mais particularmente da relação entre história e historiografia. Paul Veyne, conhecido historiador da Roma Antiga, falou por muitos quando afirmou que "o que pode ser igualmente bem expresso como História, com H maiúsculo, [...] não existe. Existem apenas 'histórias de..."'. Assim, conclui Veyne, o termo "história" não pode denotar nada além de "apenas uma narrativa verídica [*un récit véridique*]" (Veyne 1998, 18, 34; trad. mod.).

Menciono a opinião de Veyne, em *Como se escreve a história*, porque ele formula de modo bastante direto uma postura nada incomum na segunda metade do século 20. De acordo com essa posição, o significado do conceito de história se esvazia consideravelmente, e o que resta é estabilizado no polo do conhecimento, da representação dos acontecimentos ou estados de coisas pretéritos. Na ausência de um operador como o historiador, a história não só não existiria; sequer seria pensável. Como Louis Mink (1987, 60) pôde complementar em 1970, referindo-se principalmente à escrita da história, "as histórias não são vividas, mas contadas".

CONDIÇÕES DAS HISTÓRIAS POSSÍVEIS

Voltando a Koselleck, é fácil notar uma grande diferença entre sua própria maneira de relacionar história e historiografia e a atitude que acaba de ser descrita, e que pode ser considerada dominante, particularmente entre os teóricos anglófonos. Para Koselleck, em resumo, as histórias são muito mais do que o produto das atividades dos historiadores, e, em certo sentido, poder-se-ia dizer que são vividas antes de serem contadas. A opção semântica feita por ele chama ainda mais a atenção porque as suas fortes críticas aos "usos ideológicos" do conceito moderno de história facilmente o predisporiam a conclusões como as de Veyne ou Mink. Para aprofundar a questão, temos que nos voltar agora para a sua *Historik*, ou seja, para um conjunto de ideias e argumentos desenvolvidos ao longo da sua obra que podem ser agrupados sob o manto da teoria da história.

O melhor ponto de partida para tal é a definição que ele mesmo estabeleceu para esse campo. Koselleck fala repetidas vezes em *Historik* como uma "teoria das condições das histórias possíveis" (sobretudo em Koselleck 2014a, 91-109). Compreender o significado dessa formulação bem conhecida

nos permite avaliar o quanto o conceito de história empregado por ele em contextos teóricos está em desacordo com aquele que foi objeto das suas análises históricas.

Por si só, o quebra-cabeças nem é tão complicado, mas é fácil se deixar enganar por algumas das peças, principalmente pelo termo "condições de possibilidade". Essa expressão remete, é claro, a Kant, que, no entanto, não a associava à noção de história. Eu mesmo, nas minhas primeiras aproximações à definição de Koselleck, fui iludido pela imaginação contrafactual sobre o que os filósofos neokantianos Wilhelm Windelband e Heinrich Rickert — que, na verdade, escreveram muito sobre o pensamento histórico — iriam querer dizer se tivessem falado de condições de possibilidade para as histórias. Para ambos, a história era essencialmente uma forma de conhecimento sobre o passado humano. Portanto, uma teoria da história só poderia ser um tipo de reflexão voltada para a análise das práticas cognitivas dos historiadores (Assis 2004, 10-11; cf. Mata 2006, 350).

Como, entretanto, percebi, tais associações estão comprometidas em mais de um ponto. Por um lado, embora tendamos a associar Kant e o seu jargão quase automaticamente a uma forte perspectiva epistemológica, "condições de possibilidade" é um termo que ele usa em contextos extra-epistemológicos, metafísicos (Piché 2017, 9-13). Por outro lado, a *Historik* no sentido proposto por Koselleck rapidamente mostra ser bem mais do que uma análise do conhecimento histórico; vai, em outras palavras, muito além dos limites de uma filosofia crítica da história. Em suma, as *histórias* cujas *condições de possibilidade* devem ser esclarecidas por uma *Historik* podem, sim, ser lidas como produtos de atos de conhecimento, mas apenas de forma indireta. Primariamente, o termo "histórias" não se refere a representações retrospectivas produzidas por historiadores. Aponta antes para o que pode vir a ser o seu conteúdo; para acontecimentos, falas, cenários, experiências, conforme se desenrolam ou perduram no tempo, na sua vida pré-historiográfica, por assim dizer.

Sintomaticamente, o étimo que Koselleck emprega ao falar de "teoria da história" é *Geschichte*, e não *Historie*. "*Mögliche Historien*" remeteria de maneira inequívoca à esfera da representação, do conhecimento do passado. Koselleck, no entanto, não adere a essa solução. Uma clara divisão de tarefas entre *Geschichte* e *Historie* teria um efeito desambiguador, mas ele pressentia que um tal efeito seria, na verdade, prejudicial ao conteúdo e à direção de suas reflexões teóricas. A sua teorização, enfim, em vez de tentar dissolver as ambivalências do termo *Geschichte*, pretendia antes refleti-las e elaborá-las. Dessa forma, aliás, Koselleck permaneceu vinculado a um aspecto do mesmo conceito moderno de história que, de resto, costumava criticar.

O "NÃO OU EXTRA-LINGUÍSTICO"

Agora, se a preferência de Koselleck por *Geschichte* em vez de *Historie* é uma reminiscência dos usos maximalistas típicos das épocas do Iluminismo e do historicismo, a sua ênfase consistente na forma plural *Geschichten* – como na expressão "condições das histórias possíveis" – é um marcador de deflação e concretude. Ainda na década de 1970, no contexto das discussões do grupo *Poética e Hermenêutica*, Jacob Taubes (1973, 493) descreveu Koselleck como um teórico empenhado "na defesa das histórias no plural e contra a história no singular". Mais recentemente, Niklas Olsen (2012) retomou esse tema, colocando-o no centro da sua análise. Ele sustenta que toda a obra de Koselleck

pode ser lida como uma tentativa de substituir a "história no singular" (ou seja, o conceito moderno de história) por "histórias no plural" (em outras palavras, por uma visão não linear da experiência e da representação históricas, que leva em conta a multiplicidade temporal).

Para Koselleck, a história é no mínimo tanto um conceito epistemológico quanto um conceito da própria realidade vivida. Sem dúvida, para ele não existe um processo histórico único, abstrato, unidirecional, inevitável, dirigível, controlável. Mas existe algo como um mundo histórico cheio de continuidades de duração variável, moldado por mudanças que se processam em velocidades diversas. As características que ele considera decisivas para a historicidade podem ser claramente identificadas lançando-se mão de uma leitura cruzada dos seus ensaios mais teóricos. Quando superpomos algumas das ideias-mestras presentes nesses textos, podemos ver que a crítica que Koselleck faz ao moderno conceito de história não se segue de um distanciamento em relação a toda e qualquer consideração sobre a história como realidade ou processo.

O que estou tentando dizer, de maneira um tanto insistente é isto: embora o conceito de história articulado por ele seja, de fato, um conceito pluralista e pós-teleológico, tal não significa que elementos de uma filosofia substantiva ou material da história lhe sejam estranhos. Na moldura teórica de Koselleck, a história corresponde, em primeiro lugar, a acontecimentos que decorrem sob certas condições ou estruturas de repetição, várias das quais de natureza bastante geral (Koselleck 2006d). Algumas dessas condições estão presentes no planeta Terra desde antes da emergência das capacidades culturais que há tempos distinguem a espécie humana. Isso implica que a história depende de condições geológicas, climáticas, geográficas, biológicas, zoológicas e antropológicas, que nos seus textos posteriores Koselleck classifica como "pré- ou extralinguísticas" (Koselleck 2014a, 93, 103; Koselleck 2020b, 40-43; Koselleck 2020c, 21-22). Essa denominação indica que ele também tem em mente um outro conjunto de condições para a história, a saber, as linguísticas, às quais passaremos daqui a pouco.

Uma expressiva elaboração inicial dos condicionantes extralinguísticos das histórias encontra-se na primeira das peças que compõem a sua correspondência publicada com Carl Schmitt, uma carta datada de janeiro de 1953 (Koselleck; Schmitt 2019, 9-13). Nesse texto, Koselleck postula que as filosofias iluministas da história tinham conseguido sobreviver até o seu próprio presente, na forma de zumbis intelectuais metamorfoseados no que chama de "historicismo".[6] Com base nesse diagnóstico, ele defende uma "ontologia histórica" que tivesse como ponto de partida o fato fundamental e óbvio da finitude dos seres humanos. Ao atribuir não só dignidade teórica, mas também centralidade a essa condição, dava eco a uma tese estruturante de *Ser e tempo*, de Martin Heidegger: a de que elementos decisivos da existência humana podem ser sintetizados na noção de "ser-para-a-morte".

Recobrada como um fato fundamental e inquestionável, a "finitude" atua, na moldura teórica concebida por Koselleck, como uma proteção ontológica contra o relativismo; como a primeira medida a ser observada fim de se evitar "a armadilha da relatividade ilimitada" – na sua própria formulação. Ao mesmo tempo, porém, a finitude, constantemente concorreria para

[6] Sobre a relação de Koselleck com o "historicismo" (tanto a palavra quanto as muitas "coisas" por ela nomeadas), cf. Tietze (2021).

desestabilizar "as coisas humanas, o espaço da história". Tal instabilidade gera tensões adicionais e mais específicas, que ele apenas menciona brevemente na carta a Schmitt, embora o faça já recorrendo aos pares de categorias opositivas com os quais os leitores dos seus textos publicados estão familiarizados, entre os quais: amigo/inimigo, uma dicotomia famosa empregada pelo seu correspondente; senhor/servo, ferramenta categorial clássica da filosofia política; e gênero/geração (Koselleck; Schmitt 2019, 11-12).

Koselleck só viria a aprimorar essas e outras categorias no início da década de 1970, quando começou a apresentá-las como "antropológicas" em vez de "ontológicas" (Koselleck 2014b, 279). A essa altura, já as abordava como um conjunto fundamental de "condições para histórias possíveis", ou seja, como megaestruturas que viabilizam e constrangem tudo o que tem lugar no mundo histórico. Em vários textos escritos a partir da década de 1980, essas categorias alcançam certo grau adicional de formalização. Pré-condições como a finitude da vida, a possibilidade de matar e ser morto, a generatividade e a tendência da vida social para suscitar conflitos geracionais são subsumidas sob a oposição formal entre *antes e depois*. O mesmo ocorre com a dicotomia amigo-inimigo, que agora é reconcebida abstratamente como a oposição entre *dentro e fora*. E no que diz respeito às hierarquias sociais, os conflitos internos a uma sociedade, entre grupos econômica, política ou culturalmente favorecidos e desfavorecidos, são agora enquadrados na oposição entre *em cima e embaixo* (Koselleck 2020b, 40-43; Koselleck 2010b, 102-104).

Antes/Depois, Dentro/Fora e Em cima/Embaixo são predeterminações formais aplicadas a toda e qualquer história, em diferentes épocas e culturas. Determinam o que pode ou não ser histórico, a partir de um plano situado, de certo modo, acima de todas as histórias possíveis. Koselleck denomina-o justamente de "meta-histórico".

Embora ele tenha indicado que os seus pensamentos antropológicos eram estritamente descritivos e não normativos, não podemos dizer que tenham sido formalizados por completo. As categorias opositivas que acabei de mencionar não deixam de ser evidência de uma compreensão substantiva da realidade histórica em que imperam a escassez de recursos, a desigualdade, o conflito e a violência. Para Koselleck, a "história" é um meta-domínio temporalmente estendido de experiências vividas e sofridas por pessoas que lutam entre si, morrem, matam, são mortas – o quadro geral lembra a versão de um universo hobbesiano onde a vida é "desagradável, brutal e curta".

A "história", em Koselleck, também é o domínio de individualidades coletivas, como grupos étnicos, gerações, estados, classes, partidos que estão em constante conflito entre si. Como ele mesmo afirma:

"Um conflito só chega ao fim quando um novo conflito começa. Portanto, os conflitos nunca podem ser resolvidos por completo. Ao contrário, o que ocorre é que simplesmente são substituídos por outros conflitos com estruturas diferentes. Essa é a experiência que até agora toda a história [*die gesammte Geschichte*] nos tem transmitido" (Koselleck 2015, 315, trad. modificada).

Sendo assim, objetivos utópicos como a harmonia familiar imaculada, uma organização social sem classes ou a "paz perpétua" entre os Estados estariam literalmente além da história. Ou seriam inatingíveis, ou sua materialização seria equivalente à emergência de algum tipo de condição pós-histórica. Em toda a sua obra, Koselleck inclina-se consistentemente para a primeira alternativa. O seu anti-utopismo traduz-se no realismo político um tanto nu e cru em que se ampara a antropologia desenvolvida nos seus textos da

maturidade. Uma das principais razões para o contínuo desconforto de Koselleck com a ideia moderna de história era, portanto, a percepção de que está se ligava de maneira ingênua a diferentes expectativas de se solucionar o que ele considerava insolúvel; ou seja, de anular em definitivo as tensões evocadas em pares categoriais antitéticos como Antes/Depois, Dentro/Fora, ou Em cima/Embaixo.

CONDIÇÕES LINGUÍSTICAS

Antes de concluir, passemos brevemente pelo segundo grande domínio substantivo abordado na *Historik* de Koselleck. As "condições linguísticas" das "histórias possíveis" são discutidas de uma maneira menos sistemática do que as condições "extra-linguísticas" referidas há pouco. Koselleck aqui não chega perto de consolidar as suas ideias em torno de pares categoriais formalizados, capazes de descortinar diferentes aspectos elementares do problema. Ainda assim, pode-se dizer que ao menos uma dicotomia crítica entra em cena na sua análise do enraizamento linguístico da historicidade.

Uma das principais premissas de Koselleck em relação ao domínio linguístico é a de que "a história, no seu acontecer, e a linguagem, o que é dito antes, durante ou depois [do acontecimento], têm modos distintos de ser" (Koselleck 2020b, 39). A frase tem certa aura de enigma. Mas o que ela indica não é tão complicado. É, na verdade, um tanto óbvio. Koselleck está lembrando que acontecimentos são precedidos e seguidos por intenções, interpretações e previsões; por reuniões, diálogos, debates públicos, acordos secretos, ordens, escândalos, fofocas, etc. Tudo isso ocorre dentro da circunscrição da linguagem. Mas o ponto crucial para ele é que o que acontece sempre vai além ou fica aquém do que é dito antes, durante e depois da ocorrência. Nos seus escritos sobre a metodologia da história conceitual, ele repetidas vezes insistiu nessa disjunção entre o dito e o feito; entre a fala e o ato. Quando abordou o tema no contexto de reflexões extra-metodológicas mais gerais, associou a dimensão *não ou extra-linguística* da experiência aos *acontecimentos* e, em seguida, remeteu a noção de "acontecimento" à de "história". Foi esse o caso, p.e., quando argumentou – contra o seu antigo professor, Hans-Georg Gadamer – que a teoria da história não seria redutível a uma teoria geral da compreensão, ou seja, à hermenêutica (Koselleck 2014a, 91-109; cf. Pereira 2011; Kaegi 2013).

O estatuto do "extra-linguístico" em Koselleck é um enigma que ele próprio não se preocupou muito em resolver de maneira filosoficamente satisfatória. Não há tempo para nos aprofundarmos nesse assunto espinhoso.[7] Basta registrar que uma característica importante do uso que Koselleck faz do conceito de história é que este, por vezes, implica um contraste com a noção de linguagem. Isso permite que aspectos não linguísticos da experiência pretérita sejam abrigados sob o teto categórico da "história". Mas trata-se aqui, antes de mais nada, de uma "separação analítica", como adverte Koselleck (2020b, 40). Linguagem e história, fala e acontecimento, representação e realidade, conceito e ação não podem ser colocados frontalmente uns contra os outros. A ação humana é sempre dirigida por crenças e ideias permeadas de linguagem. Demanda suportes comunicativos que são linguísticos, de ponta a ponta. Pode assumir a forma de um "ato de fala".

[7] Acerca do estatuto da "realidade extra-linguística" como problema metodológico fundamental para a história dos conceitos e a semântica histórica, cf. Steinmetz (2019).

Em suma, qualquer acontecimento que mereça a alcunha de "histórico" sempre decorrerá num horizonte simbólico e interpretativo cuja natureza é eminentemente linguística. Esse horizonte, por seu turno, só pode ser um horizonte histórico. Por aí se vê que o contraste entre história e linguagem não implica que acontecimentos e estruturas *históricas* estariam em completa antinomia com falas e estruturas linguísticas. O ponto de chegada visado não é a situação binária em que objetos e acontecimentos seriam ou linguísticos, ou históricos. De novo, o "histórico", para Koselleck, inclui o "linguístico". E não é só isso: na condição de historiador praticante, Koselleck esteve muito mais ligado ao domínio linguístico do que ao extra-linguístico. Basta lembrar que o papel pelo qual, ainda hoje, ele é mais conhecido é o de historiador de certo tipo de entidades linguísticas; ou seja, *conceitos*! O que parecia essencial para ele era que todo ato de fala, todo acontecimento se passa sob um emaranhado de estruturas linguísticas pré-existentes. Tais estruturas perduram ao longo do tempo de uma maneira que não guarda paralelo com acontecimentos ou falas singulares.

Haveria muito o que se explorar nessa teoria dos conceitos, orientada tanto histórica quanto estruturalmente. É plausível interpretá-la como uma tentativa metodológica de se encontrar um ponto de equilíbrio entre sincronia e diacronia. E é fato que representa também um passo importante na reflexão sobre a multiplicidade dos tempos históricos a que Koselleck se dedicou ao longo de quase toda a sua trajetória acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a *Historik* de Koselleck postula que tudo o que acontece, acontece sob condições de possibilidade, e isso significa: em meio a configurações estruturais duradouras que não se esgotam em nenhum acontecimento singular. Obtida essa síntese, agora seria o momento de darmos um passo adiante e perguntarmos: e o que é que os historiadores têm a ver com tudo isso? Como é que a história, depois de ser *vivida*, passa a ser *escrita*? Koselleck, com efeito, dá a essa pergunta uma resposta elaborada, mas não teremos tempo para examiná-la em detalhes aqui. Mesmo assim, salta aos olhos o quão longe se pode ir nessa nossa discussão sem precisar falar muito sobre historiografia e historiadores!

Para concluir, quero apenas mencionar brevemente a tese mais fundamental de Koselleck sobre o assunto: a de que a escrita da história depende das mesmas estruturas que tornam possível o acontecer histórico. Para ele, em outras palavras, a historiografia, a história representada *ex-post*, é viabilizada pelas mesmas pré-condições linguísticas e extralinguísticas que também possibilitam a história *in actu*, as *res gestae* historiograficamente representáveis (Koselleck 2006e, 308; Koselleck 2020b, 54-56).

São sugestivas as escolhas terminológicas aqui: de um lado a história que acontece, a *geschehende Geschichte*, ou história *in actu*; do outro, a história representada, a *dargestellte Geschichte*, ou história *ex post*. A terminologia enfatiza a conexão entre a história e a historiografia, sendo ambas referidas pela mesma palavra, *Geschichte*, que é então modulada para indicar ora acontecimento, ora representação. Tal não é uma escolha banal ou irrefletida. Como falante do alemão, Koselleck tinha a opção de subscrever a uma compartimentação semântica rigorista, e simplesmente opor *Historie* a *Geschichte*. Se estivesse escrevendo em outras línguas, talvez pudesse ter tentado se ater a distinções

semelhantes àquela entre "historiografia" e "história". Alternativamente, poderia ter optado por não se referir ao passado como "história", e abraçado a ideia de que as histórias "não são vividas, mas contadas".

Koselleck, contudo, pôs-se ao largo de todas essas alternativas. Arrisco dizer que ele sentia que todas elas supunham uma clivagem entre história e historiografia que ia na contramão das suas intuições mais básicas. Na verdade, as ideias de Koselleck sobre a historiografia derivam das suas ideias sobre a história. Esta é uma das características mais marcantes, e ainda assim pouco reconhecidas, da sua teorização. Vários dos seus textos oferecem análises originais e enriquecedoras sobre o conhecimento histórico e a prática dos historiadores. Mas, especialmente nos seus escritos mais tardios, Koselleck amiúde se volta para esses temas apenas depois de ter abordado uma relação fundamental no plano da "história *in actu*". Essa é a relação entre acontecimentos históricos, as expressões linguísticas que os cercam e as estruturas de longo prazo que determinam as possibilidades de acontecimentos e falas singulares. Como, em última análise, essas pré-condições também moldam as possibilidades para a escrita da história, a conclusão óbvia é que, para Koselleck, a "história" é, antes de tudo, um conceito de realidade. O que equivale a dizer que sua teoria da história vai muito além de uma teoria do conhecimento histórico e que as questões epistemológicas desempenham nela um papel relativamente secundário. Isso ajuda a entender porque, embora Koselleck almejasse sepultar as anteriores filosofias substantivas da história, o seu próprio uso do conceito de história é também um uso substantivo.

Temos aqui não exatamente uma contradição, mas, com certeza, um testemunho adicional do quão intrincada é a relação de Koselleck com esse conceito que exigiu parte significativa das suas energias historiográficas e teóricas. Koselleck arquitetou uma espécie de anti-filosofia da história que não pode ser reduzida a uma teoria do conhecimento ou da representação. Assim, ele encontrou um caminho para continuar a teorizar sobre a história "em si mesma". Embora se recusasse a conceber a história como uma totalidade sujeita a uma racionalização progressiva, ele seguiu mobilizando o conceito num compasso totalizante.

Continuou, portanto, a pensar na história numa acepção singular. Mas fez isso de uma maneira inovadora, dissociando-se da ideia de uma linha unitária do tempo que se desenrola rumo a um futuro infinito e aglutina em si todas as demais cronologias possíveis. Declinada no singular, a "história", em Koselleck é, em vez disso, uma espécie de espaço que perdura há milênios e que abriga uma multiplicidade de tempos, tempos esses de durações e ritmos variados. É a maior estrutura possível; o conjunto das condições que viabilizam todas as outras estruturas e, por intermédio destas, tudo aquilo que pode acontecer ou ser dito.

Com essa conclusão em mente, podemos então retornar à citação com que começamos:

"Cada história sempre contém algo a mais e algo de diferente em relação àquilo que os historiadores podem dizer sobre ela".

Agora que demos umas boas voltas no nosso círculo hermenêutico, espero que a frase tenha se tornado um pouco menos obscura.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Arthur Alfaix. *O que fazem os historiadores, quando fazem história?* A teoria da história de Jörn Rüsen e 'Do Império à República', de Sérgio Buarque de Holanda. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

ASSIS, Arthur Alfaix. *What is History for?* Johann Gustav Droysen and the Functions of Historiography. New York: Berghahn Books, 2014.

ASSIS, Arthur Alfaix. *Plural Pasts*. Historiography between Events and Structures. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

ASSIS, Arthur Alfaix; FERREIRA, Bernardo. Prefácio. O paradoxo da história dos conceitos. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *Histórias de conceitos*. Estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. p. 7-12.

ASSIS, Arthur Alfaix; MATA, Sérgio da. Prefácio. O conceito de história e o lugar dos 'Geschichtliche Grundbegriffe' na história da história dos conceitos. *In*: KOSELLECK, Reinhart *et al. O conceito de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 9-34.

ATWOOD, Margareth. *Dire Cartographies*: The Roads to Ustopia. New York: Vintage, 2011.

BERGERON, Louis; FURET, François; KOSELLECK, Reinhart. *Das Zeitalter der europäischen Revolution*. Frankfurt am Main: Fischer, 1969 [*Fischer Weltgeschichte*, v. 26].

EVANS, Richard. *O Terceiro Reich em guerra*. São Paulo: Planeta, 2012.

HOFFMANN, Stefan-Ludwig. *Der Riss in der Zeit*. Kosellecks ungeschriebene Historik. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2023.

HÖLSCHER, Lucian. Abschied von Reinhart Koselleck. *In*: JOAS, Hans; VOGT, Peter (orgs.). *Begriffene Geschichte*. Beiträge zum Werk Reinhart Kosellecks. Berlin: Suhrkamp, 2011. p. 84-93.

IMBRIANO, Gennaro. 'Krise' und 'Pathogenese' in Reinhart Kosellecks Diagnose über die moderne Welt. *Forum Interdisziplinäre Begriffsgeschichte*, v. 2, p. 38-48, 2013.

JASMIN, Marcelo. Apresentação. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 9-12.

JORDHEIM, Helge. Reinhart Koselleck. *In*: BERGER, Stefan (org.). *Bloomsbury History*: Theory and Method. London: Bloomsbury, 2021.

JUREIT, Ulrike. *Erinnern als Überschritt*: Reinhart Kosellecks geschichtspolitische Interventionen. Göttingen: Wallstein, 2023.

KAEGI, Dominic. Historik als Hermeneutik. Koselleck und Gadamer. *In*: DUTT, Carsten; LAUBE, Reinhard (orgs.). *Zwischen Sprache und Geschichte*. Zum Werk Reinhart Kosellecks. Göttingen: Wallstein, 2013. p. 256-267.

KOSELLECK, Reinhart. *Preußen zwischen Reform und Revolution*: allgemeines Landrecht, Verwaltung und soziale Bewegung von 1791 bis 1848. Stuttgart: Klett-Cotta, 1967.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise*: uma contribuição à patogênese do mundo burguês [1959]. Tradução de Luciana Villas Bôas. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. 'Historia magistra vitae' – Sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento [1967]. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006-a. p. 41-60.

KOSELLECK, Reinhart. História, histórias e estruturas temporais formais [1972]. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Fabiana do Nascimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006-b. p. 119-132.

KOSELLECK, Reinhart. Sobre a disponibilidade da história [1977]. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006-c. p. 233-246.

KOSELLECK, Reinhart. Representação, evento e estrutura [1973]. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006-d. p. 133-146.

KOSELLECK, Reinhart. 'Espaço de experiência' e 'horizonte de expectativa': duas categorias históricas [1975]. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006-e. p. 305-327.

KOSELLECK, Reinhart. Vom Sinn und Unsinn der Geschichte [1997]. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *Vom Sinn und Unsinn der Geschichte*. Berlin: Suhrkamp, 2010-a. p. 9-31.

KOSELLECK, Reinhart. Wiederholungsstrukturen in Sprache und Geschichte [2006]. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *Vom Sinn und Unsinn der Geschichte*. Berlin: Suhrkamp, 2010-b. p. 96-114.

KOSELLECK, Reinhart. Introdução. *In*: KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. *O conceito de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013-a. p. 37-40.

KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de História. *In*: KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. *O conceito de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013-b. p. 119-184.

KOSELLECK, Reinhart. 'História' como conceito mestre moderno. *In*: KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. *O conceito de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013-c. p. 185-222.

KOSELLECK, Reinhart. Perspectiva. *In*: KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. *O conceito de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013-d. p. 223-225.

KOSELLECK, Reinhart. Teoria da história e hermenêutica [1985]. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*. Estudos sobre a história. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014-a. p. 91-109.

KOSELLECK, Reinhart. Sobre a indigência teórica da ciência da história [1972]. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*. Estudos sobre a história. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014-b. p. 277-293.

KOSELLECK, Reinhart. História(s) e Teoria da história [Entrevista a Carsten Dutt, 2001]. Tradução de Luiz Costa Lima. *História da Historiografia*, v. 8, n. 18, p. 311-324, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. *Histórias de conceitos*. Estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Tradução de Markus Hediger, rev. téc. Arthur Alfaix Assis e Bernardo Ferreira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020-a.

KOSELLECK, Reinhart. Mudança linguística e história de eventos [1989]. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *Histórias de conceitos*. Estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020-b. p. 39-61.

KOSELLECK, Reinhart. História social e história dos conceitos [1986]. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *Histórias de conceitos*. Estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020-c. p. 15-37.

KOSELLECK, Reinhart. Ich war weder Opfer noch befreit [Entrevista a Christian Esch, 2005]. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *Geronnene Lava*: Texte zu politischem Totenkult und Erinnerung. Ed. Manfred Hettling; Hubert Locher; Adriana Markantonatos. Berlin: Suhrkamp, 2023. p. 429-436.

KOSELLECK, Reinhart. Diversas formas de decir adiós a la guerra [1995]. Tradução de Manuel Orozco Pérez. *Res Publica*. Revista de Historia de las Ideas Políticas, v. 28, n. 2, p. 295-298, 2025.

KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. *O conceito de história*. Tradução de René Gertz, rev. téc. Sérgio da Mata. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOSELLECK, Reinhart; SCHMITT, Carl. *Der Briefwechsel 1953-1983 und weitere Materialien*. Ed. Jan Eike Dunkhase. Berlin: Suhrkamp, 2019.

LYNCH, Christian Edward. O Sattelzeit diferido da América Ibérica: reflexões sobre uma história dos conceitos políticos fora do mundo europeu. *História do Direito*, v. 1, n. 1, p. 387-402, 2020.

MATA, Sérgio da. Heinrich Rickert e a fundamentação (axio)lógica do conhecimento histórico. *Varia historia*, v. 22, n. 36, 347-367, 2006.

MINK, Louis. History and Fiction as Modes of Comprehension [1970]. *In*: MINK, Louis. *Historical Understanding*. Ed. Brian Fay, Eugene Golob, and Richard Vann. Ithaca: Cornell University Press, 1987. p. 42-60.

OHARA, João. *The Theory and Philosophy of History*: Global Variations. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

OLSEN, Niklas. *History in the Plural*. An Introduction to the Work of Reinhart Koselleck. New York: Berghahn Books, 2012.

PEREIRA, Luisa Rauter. O debate entre Hans-Georg Gadamer e Reinhart Koselleck a respeito do conhecimento histórico. *História da Historiografia*, v. 7, 245-265, 2011.

PICHÉ, Claude. Kant on the 'Conditions of the Possibility' of Experience. *In*: KIM, Halla; HOELTZEL, Steven (orgs.). *Transcendental Inquiry*: Its History, Methods and Critiques. Cham: Palgrave Macmillan, 2017. p. 1-20.

STEINMETZ, Willibald, La sémantique historique: problèmes théoriques et pratiques de recherche. *Passés Futurs*, n. 5, 2019.

TAUBES, Jacob. Geschichtsphilosophie und Historik. Bemerkungen zu Kosellecks Programm einer neuen Historik. *In*: KOSELLECK, Reinhart; STEMPEL, Wolf-Dieter (orgs.). *Poetik und Hermeneutik*, vol. V: Geschichte – Ereignis und Erzählung. München: Fink, 1973. p. 490-498.

TIETZE, Peter. Kosellecks reflektierter Historismus. *In*: HETTLING, Manfred; SCHIEDER, Wolfgang (orgs.). *Reinhart Koselleck als Historiker*: Zu den Bedingungen möglicher Geschichte. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2021. p. 302-346.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história/Foucault revoluciona a história*. Brasília: Ed. UnB, 1998.

VILLAS BÔAS, Luciana. Reinhart Koselleck (1923-2006). *In*: PARADA, Maurício (org.). *Os historiadores*: clássicos da História, vol. 3: de Ricoeur a Chartier. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 93-116.

WALSH, William. *An Introduction to Philosophy of History*. London: Hutchinson's University Library, 1951.

WHITE, Hayden. Foreword. *In*: KOSELLECK, Reinhart. *The Practice of Conceptual History*. Timing History, Spacing Concepts. Stanford: Stanford University Press, 2002. p. ix-xiv.

Artigo recebido em 23/02/2026 • aceito em 02/06/2026
DOI | 10.5216/rth.v29.84999
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892

Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado.